

A INFLUÊNCIA DE CLAUSEWITZ NO ALTO COMANDO ALEMÃO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Douglas Guimarães Siqueira

Especialização em Ciências Militares (2014). Atualmente é instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras

RESUMO

O trabalho pretende demonstrar a importância do estudo de líderes militares do passado por integrantes do Exército Brasileiro. Com isso, terá como objetivo verificar se os conceitos preconizados por Clausewitz foram empregados pelo Alto Comando alemão na Segunda Guerra Mundial, a fim de compreender suas decisões e as novas estratégias de guerra adotadas. Na introdução será destacada a importância em estudar história militar e apresentar como se davam os embates do passado até as guerras vividas por Clausewitz, durante o período napoleônico. Em seguida, o trabalho destacará 03 personalidades germânicos – Hitler, Guderian e Manstein - destacando suas contribuições na arte da guerra e, ainda, analisar se suas ações atuaram em consonância com as ideias descritas por Clausewitz em seu livro *Da Guerra*.

PALAVRAS-CHAVE: Clausewitz, Segunda Guerra Mundial, Alto Comando alemão e livro *Da Guerra*.

RESUMEN

Este trabajo pretende demostrar la importancia de los estudios de líderes militares del pasado por integrantes del Ejército Brasileño. Así pues, tendrá como objetivo verificar si los conceptos preconizados por Clausewitz fueron utilizados por el Alto Comando alemán en la Segunda Guerra Mundial, a fin de comprender sus decisiones y las nuevas estrategias de guerra adoptadas. En la introducción, será destacada la importancia de estudiar y presentar como eran desarrollados los embates del pasado hasta las guerras vividas por Clausewitz durante las guerras napoleónicas. A continuación, el trabajo destacará 03 personalidades - Hitler, Guderian y Manstein – destacando sus contribuciones en el arte de la guerra y, aún, analizar si sus acciones actuaron en consonancia con las ideas descritas por Clausewitz en su libro *De la Guerra*.

PALABRAS-CLAVE: Clausewitz, Segunda Guerra Mundial, Alto Comando alemán y libro *De la Guerra*.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta conceitos básicos preconizados por Carl von Clausewitz, na sua obra *Von Kriege* (*Da Guerra*) e em estudos feitos por historiadores ou estudiosos sobre a vida e a obra do General prussiano, a fim de fornecer subsídios para a melhor compreensão das políticas e estratégias de guerra empregadas por membros destacados do Alto Comando alemão, durante a Segunda Guerra Mundial (2ª GM).

Segundo Leonard (1988, p. 10) no século XVIII, os povos germânicos viviam em alguns pequenos Estados e Principados cujos governantes ocasionalmente cediam a guerras dinásticas. Tais guerras eram travadas por pequenos Exércitos altamente treinados e constituídos de soldados profissionais, sendo a maioria composta por mercenários estrangeiros. Os exércitos eram financiados pelo tesouro, raramente provinha da riqueza pessoal dos reis. Era dispendioso organizá-los e mantê-los por muito tempo. Com isso, os embates, normalmente, terminavam em negociações diplomáticas e o Exército inimigo continuava a existir.

Entretanto, com as revoluções francesa e americana, este estado das coisas desapareceu. Com a posterior subida do líder político e militar Napoleão Bonaparte ao poder em 1804, a guerra tornou-se um problema do povo e da nação durante as guerras napoleônicas, que foram travadas por toda a Europa. A participação do povo limitou os meios disponíveis e os esforços aos recursos da nação, à força moral de sua população e aos objetivos políticos do conflito. Os cidadãos substituíram os

mercenários e uma estratégia móvel e agressiva ocupou o lugar das longas batalhas de sítio. Juntas, as duas contendas revolucionárias substituíram as guerras entre reinos pelas guerras entre nações (LEONARD, 1988, p. 11).

Leonard (1988, p. 11 e 12) vai além, ao também afirmar que essa mudança era evidente do ponto de vista de Clausewitz sobre o conceito de violência ilimitada, porque facilitava aos generais e políticos identificar as guerras nacionais. Ela envolveria todos os recursos disponíveis do Estado e aumentaria a possibilidade de uma guerra total ou absoluta entre países, que ficou bem caracterizada nas guerras mundiais.

Na opinião de Strachan (2008, p. 15 e 16) as ideias formuladas pelo General germânico foram calcadas em exemplos de outros líderes da época e por seu profundo estudo e observações pessoais das campanhas que Napoleão empreendeu. Inicialmente, seu livro influenciou profundamente, apenas, os líderes militares alemães, já que o livro foi postumamente publicado em 1832 e pouco lido fora da Prússia. Entretanto, foi com as assombrosas vitórias que culminaram com a unificação da Alemanha em 1871, que Clausewitz e seu grande livro *Da Guerra* romperam as fronteiras alemãs e seu Exército tornou-se o modelo a ser estudado por diversos líderes mundo afora.

Das diversas guerras travadas após a morte de Clausewitz, a principal e mais violenta foi a 2ª GM (1939-45). Batalhas dessa guerra são citadas nesse artigo dissertativo, principalmente as ocorridas no Teatro de Operações (TO) da Europa e da União Soviética, sobre a ótica das personalidades alemãs escolhidas. Esse é o motivo pelo qual foram estudadas as influências do General Clausewitz junto ao líder alemão da época - Adolf Hitler - e dois de seus principais Marechais-de-Campo, Heinz Guderian e Erich von Manstein.

2. METODOLOGIA

Quanto à natureza, o estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é verificar a influência de Clausewitz no Alto Comando alemão na guerra total ocorrida, destacando-se 3 personagens germânicos do conflito. Para cada caso, foi verificado se suas ações durante a guerra estiveram em consonância com os ideais apresentados no livro *Da Guerra*.

O estudo bibliográfico foi realizado por método de leitura exploratória e seletiva do material bibliográfico e sua revisão integrativa, contribuindo para a síntese e análise dos materiais levantados, de forma a corroborar um conteúdo de literatura atualizado e compreensível.

3. CLAUSEWITZ E SEU LIVRO DA GUERRA

A fim de orientar o entendimento do assunto abordado no presente trabalho, é de suma importância o conhecimento da pessoa de Clausewitz.

Carl von Clausewitz (1780-1831) foi um pensador filósofo-militar que viveu na virada do século XVIII para no século XIX, mas suas ideias contidas em *Da Guerra*, permanecem atuais e ainda são estudadas por historiadores militares. Suas teorias influenciaram gerações e gerações de líderes militares e políticos, independente da ideologia empregada por eles. Um exemplo é o que escreveu Santos:

Deixando de parte a influência, basta que verifiquemos a opinião que dele fazia Lênin: um dos mais notáveis escritores da filosofia da guerra e da história [...] um escritor cujos pensamentos básicos no presente se tornaram requisitos de toda pessoa pensante [...]. Mais significativo do que tudo isso é o fato de Lênin e os marxistas haverem esposado a conhecida tese de Clausewitz de que 'a guerra é a continuação da política por outros meios', especialmente os violentos (SANTOS, 1998, p.214 e 215).

Nascido em 1780, na cidade de Burgo, próximo a Magdeburgo, foi nomeado Alferes do Exército Prussiano em 1792. Em 1801, iniciou o curso para Oficial em Berlim. Em 1806, foi ferido e caiu prisioneiro na batalha de Jena. Em 1809, auxiliou Scharnhorst na reorganização do Exército de

sua terra natal e, por ocasião do início das operações na Rússia, em 1812, defendeu este país contra os franceses, até a retirada de Napoleão de Moscou. (FULLER, 2002, p. 61).

Clausewitz não era apenas um soldado de escrivania. Seu batismo de fogo ocorreu quando tinha apenas 13 anos de idade. Quando o Exército Prussiano combateu os franceses na campanha do Reno, em 1793 e depois nos Vosges, em 1794. Nessa região, coberta por caminhos íngremes e coberta por bosques, ele adquiriu o conhecimento prático com o terreno que tanto o inspirou nas páginas de seu livro. Essa campanha terminou com o Tratado de Basel, em 1795, e depois se seguiu um longo período de relativa paz (HOWARD, 1983, p. 06).

Em 1803, Clausewitz formou-se Oficial em primeiro lugar de sua turma, sendo designado como Ajudante de Ordens do Príncipe Augusto da Prússia. Nessa função, participou ativamente da guerra contra Napoleão, em 1806, como um jovem patriótico. Nesse conflito, os prussianos foram fragorosamente derrotados nas batalhas gêmeas de Jena e Auerstadt, nesta última, seguiu-se a catastrófica retirada até Prenzlau, onde ele e seu comandante foram cercados e capturados. Depois permaneceram como prisioneiros de guerra na Suíça e logo em seguida na França, por mais de um ano (LEONARD, 1988, p. 05).

Mas, em 1812, Napoleão impôs ao Rei Guilherme I uma aliança militar franco-prussiana com o objetivo de colaborar com a invasão da Rússia. Clausewitz não suportou a ideia e, na companhia de cerca de 30 Oficiais, pediu demissão e foi prestar serviços militares ao Czar Alexandre I (LEONARD, 1988, p. 05).

Embora não falasse russo, assessorou o Estado Maior na segunda grande batalha de Borodino, em 1812, e testemunhou a sangrenta travessia do rio Berezina pelos franceses em retirada. Em 1813, Clausewitz, ainda com uniforme russo, retorna a Berlim, é readmitido no novo Exército Prussiano e auxilia Scharnhorst a recrutar e formar novos exércitos nacionais para as guerras de libertação. (HOWARD, 1983, p. 08 e 09).

Após Waterloo, em 1815, comandou uma Unidade no Reno, onde se dedicou a estudar profundamente as batalhas ocorridas porque imaginava que haveria outra guerra com a França no futuro. Em 1818, foi promovido a General de três estrelas e, posteriormente, foi nomeado como comandante da Escola de Guerra em Berlim. Por mais de dez anos, dedicou-se em melhorar o Exército Prussiano e passou a registrar seu pensamento militar sobre as campanhas napoleônicas, desde 1816, já que sua função era puramente administrativa nessa época. Até ser enviado a participar do Corpo de Observadores prussianos na Revolução Polonesa em 1830 (LANNING, 1999, p. 104).

Ainda em 1830, ano em que os rascunhos de seu enorme livro ainda estavam incompletos, foi designado para comandar a importante força de artilharia de Breslau. Todavia, um perigo assustador estava se espalhando pelo leste da Europa: era o cólera. Clausewitz recebeu sua última missão militar, realizar um cordão sanitário visando impedir o avanço da epidemia sobre o solo teutônico. Esse problema ele não previu em seus livros, em 15 de novembro de 1831, ele próprio foi contaminado e morreu 24 horas depois na cidade de Breslau com apenas 51 anos de idade (HOWARD, 1983, p. 10).

A obra literária do General prussiano foi publicada postumamente por sua esposa Marie entre 1832 a 1834, com a ajuda de seu irmão Friedrich. Em suas anotações, Clausewitz (1984, p. 65) assim resumiu sobre os leitores de seu livro: “A minha ambição era escrever um livro que não fosse esquecido após dois ou três anos e que possivelmente pudesse ser consultado mais de uma vez por aqueles que estão interessados pelo assunto”.

Em seu ensaio introdutório, Leonard (1988, p. 06 e 07) afirma que os textos que compõem Da Guerra foram divididos em 08 livros, dos quais apenas o primeiro seu autor considerava completo. Os livros 02 a 06 foram praticamente concluídos, apesar de Clausewitz pretender revê-los e os dois últimos resumem-se a pouco mais do que uma coleção de notas. Mas em 1827, Clausewitz estava convicto que os livros de 01 a 06, que versavam sobre a natureza e a teoria da guerra, poderiam revolucionar seus leitores com as ideias contidas.

O pouco impacto inicial causado pelo livro em seu lançamento, foi drasticamente modificado depois da guerra Franco-Prussiana, ocorrida em 1870-71, quando o arquiteto das vitórias alemãs, o General von Moltke, incluiu o livro Da Guerra numa pequena lista de livros que mais o haviam

influenciado. Continha também, livros previsíveis como a Bíblia e as obras de Homero. Assim, Clausewitz foi considerado como o seu mentor espiritual (STRACHAN, 2008, p. 16).

Com as espetaculares vitórias nos embates contra a Dinamarca, na guerra dos 2 Ducados em 1864, contra a Áustria em 1866, e contra a França em 1870-71, Clausewitz tornou-se, imediatamente, o autor da moda e passou a ser estudado por todos os militares alemães e depois por militares de toda a Europa. Um jornal alemão escreveu em 1873, que: ‘Clausewitz havia merecido o seu lugar de maior autoridade em estudos militares no Exército Alemão’ (HOWARD, 1983, p. 53).

Nos escritos de Lanning (1999, p. 106) ele descreve que Clausewitz procurou, também, tratar as operações militares como ciência. Afirmou ainda que, o livro deste General destaca que a grande missão de um exército seria engajar e destruir a força principal do inimigo em uma batalha decisiva. Esse pensamento deveria nortear todo o plano estratégico de um atacante, tal afirmação foi buscada constantemente pelo Alto Comando alemão na 2ª GM, principalmente nas grandes manobras de cerco ocorridas na Europa e depois na Rússia.

Dessa forma, seus escritos filosóficos, estudos de história e suas experiências bélicas obtidas tanto nas campanhas de guerra contra Napoleão, como nas observações dos ensinamentos colhidos de outros líderes do passado, fizeram Clausewitz dedicar-se a estudá-los visando formular sua teoria sobre as guerras que a Prússia enfrentaria no futuro.

3.1 PRINCIPAIS CONCEITOS

A guerra é um duelo entre nações, cujo objetivo imediato de cada um dos contendores é derrotar o outro pelo uso da força ou violência, visando submeter o inimigo à sua vontade. A violência, isto é, a força física, é um meio obrigatório da guerra, e subjugar o inimigo é o seu propósito. Para atingir esse propósito é imperativo deixá-lo desarmado ou impotente, e este é o objetivo da guerra. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 75).

Na Publicação sobre a Introdução à Estratégia do CP/ECEME (2006, p.20 a 23) há um importante resumo explicando os principais conceitos constantes do livro Da Guerra, escrito por Clausewitz, Dentre eles foram destacados:

a) A guerra é a continuação da política por outros - Clausewitz considera a política como a ação representativa de todos os interesses da comunidade. Em sua visão, o processo político representava todos os interesses humanos, harmonizando-os entre si e aos seus conflitos, tanto no campo doméstico como no da política externa. Daí o seu entendimento de que “a guerra é a continuação da política por outros meios”. Clausewitz aceita que o general tenha o direito de pleitear que os rumos da política sejam consistentes com os meios que lhe são colocadas à disposição, mas não poderá nunca fazer mais do que limitar o objetivo político. “O objetivo político é a meta, a guerra é o meio de chegar até ela, e os meios não podem jamais ser considerados isoladamente dos propósitos”. Bastante afetado por sua experiência pessoal, Clausewitz rejeitava a influência dos militares sobre a formulação da linha de ação política e não aceitava deixar a decisão da paz e da guerra nas mãos dos militares;

b) A tríade estratégica - Segundo Clausewitz, a guerra é travada por uma trindade extraordinária composta de governo, forças armadas e povo. O governo estabelece o objetivo político, as forças armadas propiciam os meios para se alcançar tal objetivo e o povo proporciona a vontade - motor da guerra. Todos os três são componentes indispensáveis da tríade estratégica de Clausewitz. Uma teoria que ignorasse qualquer um desses três elementos ou que procurasse fixar um relacionamento arbitrário entre eles entraria de tal maneira em conflito com a realidade que só por esse motivo se tornaria inteiramente inútil;

c) Gênio militar - Para facilitar sua análise, Clausewitz desenvolveu determinados conceitos dentre os quais o mais abrangente é o do gênio militar. Considerava que “qualquer atividade complexa, para ser conduzida com algum grau de virtuosidade, requer dons apropriados de intelecto e temperamento. Se forem notáveis e revelarem-se em feitos excepcionais, o seu possuidor é chamado de gênio”. Ele identifica o gênio militar como “a mente inquisitiva em lugar da criadora, a abordagem abrangente em lugar da especializada, a cabeça calma em lugar da excitável”. O sucesso do gênio reside em saber quando quebrar as regras;

d) A fricção - Outro importante conceito desenvolvido por Clausewitz foi o da fricção. “A fricção é o único conceito que mais ou menos corresponde aos fatores que distinguem a guerra real da guerra no papel. “A ação na guerra é como um movimento em um elemento resistente, a fricção ou atrito é a força que torna tão difícil o que é aparentemente fácil”;

e) Centro de gravidade – “O propósito da guerra deveria ser aquele que o seu próprio conceito encerra - derrotar o inimigo”. Entretanto, para derrotá-lo pode não ser necessário destruí-lo. O que é preciso é quebrar a sua vontade de lutar. Para tanto, deve-se ter em mente as características dominantes de ambos os beligerantes. A partir dessas características desenvolve-se um certo centro de gravidade, eixo de todo o poder e movimento do qual tudo depende. “Esse é o ponto contra o qual todas as nossas energias deveriam ser dirigidas”. É fundamental, portanto, identificar o centro de gravidade do inimigo. Pode ser seu exército, sua marinha, sua capital, seu aliado, etc. A tomada da capital do inimigo pode, por vezes, ser mais significativa do que destruir seu exército e, se for o caso do inimigo possuir um aliado mais forte do que ele próprio, os objetivos podem ser melhor alcançados num confronto contra esse aliado do que com a parte mais fraca. Os conceitos apresentados com relação ao centro de gravidade valorizam os princípios da massa e da economia de meios; e

f) Defensiva e ofensiva - Clausewitz considerava que a defesa é uma forma mais vigorosa de combate do que o ataque, pois é “mais fácil manter do que conquistar o terreno. Defender é mais fácil do que atacar, se ambos os lados possuem meios iguais”. Cumpre destacar que a concepção de Clausewitz não coloca a defesa numa situação meramente passiva, pois valoriza as ações dinâmicas da defesa, principalmente o contra-ataque: a forma defensiva de guerra não é a de um simples escudo, mas, sim, um escudo constituído de golpes bem dirigidos. Mesmo quando o único objetivo da guerra é o de manter o *status quo* continua válido que tão somente apagar o golpe contraria a natureza essencial da guerra, que certamente não consiste meramente em resistir. Segundo Clausewitz: “A partir do momento em que o defensor obtém uma vantagem importante, a defesa desempenhou o seu papel, chegando o momento da poderosa transição para a ofensiva”.

Esses legados deixados por Clausewitz não criaram nenhum princípio de guerra, mas ajudariam líderes militares do mundo todo, inclusive os do Alto Comando alemão da 2ª GM, como será exposto adiante, a melhorar sua capacidade de julgar o que fazer na guerra, ao contrário de muitos autores anteriores que queriam dizer a esses militares o que deveria fazer. Sua teoria visava ajudar o comandante militar a organizar suas ideias e nunca a executá-las, porque o próprio Clausewitz afirmava que na guerra tudo era incerto.

4. HITLER E SUAS DECISÕES POLÍTICO-MILITARES

Em sua célebre frase, Clausewitz (1984, p. 91) definiu que “a guerra é meramente a continuação da política por outros meios”. Após recuperar a Alemanha social e economicamente, em 1936, o Partido Nazista ganhou o apoio das massas. Assim, Hitler voltou suas ações para a política exterior do Terceiro *Reich*, onde o novo Império Alemão deveria aumentar o seu espaço vital com audazes golpes no campo militar e político. Esses objetivos da política externa estavam bem explicados em seu livro *Minha Luta* de 1924 (GIGLOTTI, 2003, p. 600).

A fim de atingir suas metas políticas, Hitler, inicialmente, restaurou a Alemanha como potência europeia e reconstruiu suas Forças Armadas (*Wehrmacht*). Sua habilidade política conseguiu, de modo extraordinariamente eficaz, desvencilhar das imposições de Versalhes, estabelecer um acordo naval com a Inglaterra em 1935, recuperar e remilitarizar a Região da Renânia em 1936, onde as tropas foram recebidas com flores pela população. E em 1938, realizou a tão sonhada anexação da Áustria (*Anschluss*) e parte da Tchecoslováquia, sem que fosse disparado um só tiro, integrando com isso, os povos de língua germânica (MAGNOLI, 2006, p.362).

Hitler baseava sua estratégia político-militar ao expor seu poderio militar às democracias ocidentais em troca de sua provável passividade nas políticas externas alemãs. Barnett (2001, p. 21) assim resumiu o líder do *Reich* antes da guerra: “Escreveu Clausewitz que a guerra é a continuação da política por outros meios. Em fins da década de 30, Hitler adotou a política de continuação da guerra por outros meios”.

Seus Generais eram contra um embate com a Tchecoslováquia, Hitler seguiu outro rumo e angariou seu maior trunfo diplomático em 1938, quando durante o Acordo de Munique, persuadiu o Ministro inglês Chamberlain e o francês Daladier a não apoiarem aquele país. Anexando assim a região dos Sudetos e sua população com mais de 3 milhões de alemães, sempre com o apoio do Ditador italiano Mussolini. Contudo em 1939, mesmo declarando no acordo anterior que não reivindicaria mais nada na Europa, mandou as tropas avançarem sobre a cidade portuária de Memel, na Lituânia e tomou o restante da Tchecoslováquia, transformando-a no Protetorado da Boêmia e Morávia (GIGOLOTTI, 2003, p. 600).

No verão de 1939, a série de conquistas territoriais sem guerra chegaria ao fim. Os líderes Aliados decidiram deter o expansionismo alemão e fizeram um pacto de apoio mútuo com a Polônia. Mas Hitler surpreendeu o mundo ao acordar o pacto Ribentropp-Molotov com Stálin, que definia como tema principal a partilha da Polônia. Assim, como a política externa não funcionou com relação à cidade livre de Dantzig e a criação do corredor polonês, o chefe alemão resolveu impor sua vontade e utilizando a tática da *Blitzkrieg* (guerra relâmpago)- usada tanto por Guderian como por Manstein em suas campanhas - invadiu e conquistou a Polônia, dando início a 2ª GM (BARNETT, 2001, p.23).

Na primavera de 1940, Hitler ordenou à *Wehrmacht* que iniciasse as ofensivas ocidentais, onde a rapidez, surpresa e poder de choque aumentariam suas conquistas. Tomou a Dinamarca e a Noruega em abril, e a Bélgica e a Holanda em maio. A próxima seria uma nação com um grande poderio bélico, a França, que ainda era apoiada pela Grã-Bretanha, mas os Exércitos de ambas foram esmagados pelas Forças *Panzer* alemãs em apenas 06 semanas (BLAINEY, 2008, p.136).

Desde o início da guerra a condução das decisões militares tinha a interferência política de Hitler, nas vitórias do oeste elas eram bem mais brandas, apesar da interferência no cerco a Dunquerque em 1940. Mas na Rússia, o fator político mal conduzido seria terrível para a Alemanha.

Ao iniciar a Operação Barbarossa, em 1941, Hitler mergulhou toda a nação numa guerra total parecida com a que Clausewitz descreveu. Porém, ele minimizou os problemas que prevaleciam na Rússia como espaço, distâncias e más comunicações. Os imensos problemas logísticos e o tenaz Exército Vermelho tornaram a luta extremamente violenta.

O plano de invasão carecia de um objetivo político claro. Os objetivos definidos foram: avanço até o leste de Moscou, destruição da capacidade de resistência do Exército Vermelho e o estabelecimento de uma fronteira militar permanente entre a Rússia e o novo *Reich* Alemão. Um objetivo que nem Clausewitz, nem Moltke achariam coerente. Mesmo com o sucesso inicial da *Blitzkrieg* no TO soviético a guerra de atrito ou fricção começou a interferir na máquina militar e nos soldados alemães (BARNETT, 2001, p.26).

Dessa forma, verifica-se que Hitler não foi coerente ao utilizar as ferramentas que Clausewitz disponibilizou em seu livro. Mesmo que em anos anteriores, tenha afirmado aos Oficiais alemães durante uma conferência em Munique que: “Nem todos vocês terão lido Clausewitz, e, se o leram, não o compreenderam ou perceberam como aplicá-lo no futuro” (STRACHAN, 2008, p. 26).

As condutas que Hitler tomou estavam contidas em seu livro *Minha Luta* que ele escreveu baseado nos ensinamentos colhidos de suas leituras. Incluindo Clausewitz, que é citado ao final dele quando profetiza ao sentenciar que uma nação pode ser definida por seus atos de resistência.

4.1 A INFLUÊNCIA DE CLAUSEWITZ NA DOCTRINA CRIADA POR GUDERIAN E EM SUAS AÇÕES

O Marechal-de-Campo Guderian foi influenciado por Clausewitz, diretamente ou indiretamente, porque, ao criar uma nova doutrina, ele teve que estudar e analisar as batalhas do passado e tirar as conclusões corretas para uma nova guerra do futuro. Segundo Leonard (1988, p. 07), Clausewitz defendia a ideia de que os princípios da arte militar podiam somente ser extraídos por uma análise crítica da história.

Essa análise Guderian buscou num estudo minucioso sobre as diversas tentativas infrutíferas de ruptura tentadas por ambos os lados na Grande Guerra, mas deu atenção especial aos blindados, e usou sua genialidade para criar uma doutrina inovadora contida em seu livro *Acthung, Panzer!*.

Assim como Clausewitz, Guderian calcou sua experiência em outros militares. Apoiado por Hitler, expandiu a Força Blindada alemã a partir de 1934, mas sempre procurou aperfeiçoar as ideias expostas por Jonh Fuller, Liddel Hart e outros sobre a guerra blindada. Foi um grande comandante *panzer*, pois comprovou na prática suas próprias teorias, contidas em seu livro, ao liderar na frente de batalha seus carros de combate no início das hostilidades de 1939 (LANNING, 1999, p. 326).

Para as guerras do futuro, Guderian (2009, p. 218 a 223) ainda prevê o fim da cavalaria, a submissão da infantaria e da artilharia aos blindados, e a todas as demais armas o dever de seguir o seu ritmo. Sua inteligência prossegue ao idealizar a supremacia blindada à combinação de armas, inclusive uma força aérea tática. Todas essas ideias possuíam o objetivo de promover a ruptura, desestabilizar a frente e atacar a retaguarda em desordem, facilitando a destruição do exército inimigo. A vitória será composta basicamente por surpresa, concentração, movimento, profundidade e poder de fogo. Esses conceitos também eram difundidos por Clausewitz no livro 04, sobre a ótica da época.

A genialidade de Guderian na parte de *Achtung, Panzer!* dedicada a Rússia parece uma profecia. Ele afirma que os russos possuíam 10.000 carros de combate e que estudavam sobre a guerra mecanizada. Termina seu estudo sobre a União Soviética com o terrível prognóstico:

A Rússia tem o mais forte exército do mundo, tanto em números quanto em armamento e equipamento moderno. Os russos têm também a maior Força Aérea do mundo [...]. A Rússia tem grande quantidade de matéria-prima e uma poderosa indústria de armamento que foi construída no interior desse vasto império. Passou o tempo em que os russos não tinham atenção para a tecnologia; teremos que reconhecer os russos como capazes de projetar e construir as próprias máquinas, e que essas transformações fundamentais na mentalidade deles nos põem diante da questão do Leste de uma forma mais séria do que jamais ocorreu na história (GUDERIAN, 2009, p.188).

Por essa razão, entende-se porque o inovador General ficou horrorizado diante da perspectiva de uma guerra contra a União Soviética, e chegou a escrever ao Alto Comando opondo-se à Operação Barbarossa, pois abririam uma nova frente de guerra. Mas, como prussiano leal e devotado ao seu dever de soldado, depois da decisão final de Hitler passou a treinar suas Divisões com vigor e solicitou um enorme aumento na produção de tanques de 125 para algo entre 800 a 1000 por mês (BARNETT, 2001, p. 469 e 470).

Um aspecto muito importante da obra de Clausewitz (1984, p. 704) é o conceito de centro de gravidade. Ele afirmou que “o propósito da guerra deveria ser aquele que o seu próprio conceito indica - derrotar o inimigo”. Para isso, as forças devem identificar o centro de gravidade do inimigo e convergir suas energias para esse ponto, que podem ser: seu exército, sua marinha, seu aliado, sua capital e etc.

De acordo com Barnett (2001, p. 471) houve um desespero no Alto Comando Alemão, quando Hitler ordena a paralisação da ofensiva contra Moscou e desvia, a contragosto de Guderian, o 2º Exército *Panzer* mais ao sul para completar o cerco a Kiev em 1941, onde 660 mil russos caíram prisioneiros. Havia-se perdido o único objetivo (político-estratégico) que poderia provocar a derrocada russa, ideia sempre defendida por Guderian e pelo Alto Comando alemão. Porém, Hitler julgou a tomada da Ucrânia (objetivo econômico) mais importante.

No fim de 1941, a Alemanha dominava grandes porções territoriais da Rússia europeia, mas não destruiu seu centro de gravidade (Moscou). Com a chegada do inverno e a perda da mobilidade, a guerra relâmpago da *Wehrmacht* perdeu um de seus pilares que Guderian tanto defendeu no presente, e que Clausewitz tanto tinha defendido no passado: a surpresa.

4.2 MANSTEIN E A APLICAÇÃO DE IDEIAS CLAUSEWITZIANAS

Considerado como o General mais capaz da Alemanha, Erich von Manstein, foi responsável por elaborar um novo plano de ataque à França já que o anterior era parecido com o fracassado Plano Schillifen de 1914. O audacioso plano *Sichelschnitt* 'corte de foice' ou 'foiçada' foi aceito por Hitler e o avanço alemão culminou com a esmagadora vitória da *Blitzkrieg* sobre as Forças Belgas e Anglo-

Francesas presentes. Nessa operação, Manstein já estava na linha de frente no comando do 38º Corpo de Exército.

As ideias de Clausewitz certamente foram aplicadas e estudadas pelos Oficiais alemães ao longo de suas carreiras. Manstein demonstrou esses pensamentos no campo operacional no comando da 56º Corpo *Panzer*, que valeram-lhe sucessivas nomeações. Em 13 de setembro de 1941, passou a comandar o 11º Exército de Campanha e depois de tomar a península da Criméia, tornou-se Comandante do Grupo de Exércitos Don, em novembro de 1942. Assim explicou Barnett sobre as origens das habilidades de Manstein:

Von Manstein era um ardente admirador de Moltke, o Velho, e modelou sua estratégia, a organização de seu estado-maior e o exercício do alto comando nos princípios que esse grande soldado aperfeiçoou, a partir dos ensinamentos de Clausewitz e Scharnhorst. O princípio mais importante era que a estratégia tinha que ser certa: se fosse errada, nenhum volume de brilhantismo tático, determinação obstinada ou superioridade moral ou material poderiam compensar-lhe a falta. Tendo formulado um plano para satisfazer essa estratégia, e reunido às forças, dispondo-as no terreno, e aos comandantes subordinados deveria ser concedida a maior liberdade possível, daí em diante, as operações: o alto comando deveria intervir apenas se estivesse em jogo à coordenação de seus planos ou ações com unidades vizinhas. Ele tinha que monitorar, não dirigir a ação dos comandados [...]. O plano geral e sua execução deveriam conservar o mais alto grau de flexibilidade. A fim de conseguir isso, o comandante deveria possuir sempre uma reserva e, de maneira nenhuma, imobilizar grandes forças em posições defensivas estáticas [...] (BARNETT, 2001, p. 244 e 245).

E Barnett ainda complementa:

A força do Exército alemão, acreditava von Manstein, residia em sua superior capacidade de conduzir operações móveis. O objetivo, por conseguinte, deveria criar condições para essas operações, nas quais pudessem ser exploradas a ação ofensiva e a surpresa. Era ele firme discípulo de Clausewitz, na convicção de que a destruição das forças do inimigo era o único sólido objetivo estratégico e que deveria refletir-se no nível inferior de operações e tática. Com sua experiência da Primeira Guerra Mundial evitaria, se possível, ataques frontais (BARNETT, 2001, p. 245).

O Marechal-de-Campo preocupava-se com a honra militar de sua tropa e sua elevada força moral que, segundo Clausewitz (1984, p. 264) estão entre os assuntos mais importantes da guerra, pois impulsionam a vontade e o espírito que animam um exército, um chefe, um governo e a opinião pública.

Os valores morais são constituídos pelo talento do comandante, pelas características militares da força e pelo espírito nacional, na qual nenhuma prevalece sobre a outra e sim se complementam (CLAUSEWITZ, 1984, p. 150). Neste aspecto, Manstein muito se aproximou de Clausewitz, seja direta ou indiretamente, durante seu comando nas batalhas que participou.

Outro fato notável do Marechal alemão foi a aplicação perfeita do conceito defendido por Clausewitz sobre a guerra defensiva:

Se a defesa é a forma mais vigorosa de guerra, possuindo, no entanto um propósito negativo ocorre que ela somente deverá ser utilizada enquanto a nossa fragilidade o exigir, sendo abandonada logo que estivermos suficientemente fortes para procurar atingir um propósito positivo. Quando alguém utiliza medidas defensivas com êxito, normalmente é criado um equilíbrio de forças mais favorável (CLAUSEWITZ, 1984, p. 418).

Esse propósito positivo é a ofensiva ou, neste caso, a contraofensiva. No início de 1943, a situação do Grupo do Exército Don era crítica no sul da Rússia, e Manstein conseguiu persuadir Hitler a abandonar Kharkov para depois pegá-la em um contra-ataque bem planejado, a ideia não agradou, mas a debilidade alemã era tamanha que Hitler não se opôs ao plano. Os russos achando que os alemães estavam em retirada continuaram avançando até o limite de suas Forças Blindadas, ou seja, caíram na armadilha preparada (BARNETT, 2001, p. 258). Ao fim da retomada de Kharkov, o Major-General von Mellenthin sucintamente resumiu as realizações de Manstein em fevereiro-março de 1943:

Em algumas semanas ele foi capaz de executar uma retirada bem-sucedida, lançar um contra-ataque em larga escala, eliminar a ameaça de cerco, infligir perdas pesadas em um inimigo vitorioso e restabelecer a Frente Meridional de Tangarog até Belgorod, como uma linha defensiva compacta. Em número de divisões, a proporção era de 8 para 1 em favor dos russos, e essas operações mostraram mais uma vez o que as tropas alemãs eram capazes de fazer quando lideradas por peritos de acordo com princípios táticos reconhecidos, em vez de obstruídas com 'aguentar firme a qualquer custo' como grito de guerra (CROSS, 2008, p.30).

Graças ao plano de Manstein, que era uma defesa móvel eficaz seguida de um contragolpe fulminante em Kharkov, os alemães conseguiram estabilizar a frente sul da Rússia e planejar sua última ofensiva de verão meses depois em Kursk. Os conceitos de defesa e ataque de Clausewitz foram empregados com eficácia nessa batalha, bem diferente da tragédia de Stalingrado ocorrida entre julho de 1942 e fevereiro de 1943.

5. CONCLUSÃO

O artigo procurou mostrar, sucintamente, como eram realizadas as batalhas anteriores a Napoleão. E como esse Imperador conseguiu revolucionar o modo de travar as guerras ao transformar o povo francês em um dos pilares da futura tríade principal de Clausewitz - composta pelo Governo, as Forças Armadas e o Povo.

Seguindo esse e muitos outros ensinamentos tanto filosóficos como estratégicos contidos no livro *Da Guerra*, percebe-se que a influência clausewitziana, certamente, motivou líderes mundo afora, especialmente os pertencentes ao Alto Comando alemão durante a Segunda Grande Guerra.

O General prussiano foi um dos mais conhecidos historiadores sobre a arte da guerra. Suas lições de tática e estratégia vão além dos exercícios militares propriamente ditos, para se constituírem, inclusive, numa profunda reflexão sobre a filosofia da guerra e da paz. Essa reflexão contém observações éticas que são sempre válidas para a formação do caráter militar dos Oficiais de qualquer país.

O legado deixado por Clausewitz em sua maior obra libertou os teóricos da arte da guerra muito aficionados por estratégias formais de manobra e os conduziu para o que realmente importava numa guerra entre Estados – a ingerência direta da política na condução das estratégias durante os conflitos. Com isso, colaborou muito, mesmo que indiretamente, ao transformar o pequeno Estado da Prússia em uma potência após as batalhas de Unificação alemã, conduzidas pelo líder militar von Moltke e pelo grande líder político Otto von Bismark.

Da Guerra é um livro que refletiu as ideias de guerras vividas do passado e do presente de Clausewitz e não do Alto Comando alemão na 2ª GM. Entretanto, usando o passado como base de julgamento, ele deixou uma nova visão sobre a guerra que foi muito estudada pelos militares alemães daquele conflito e ainda hoje, são estudadas por escolas militares do mundo todo, no Brasil, destaca-se a ECEME.

Clausewitz viu as guerras de muitas maneiras, vários de seus pensamentos atraíram seguidores que se diziam influenciados por ele. Destaca-se que nem Hitler (nazismo) e nem Marx (comunismo) estavam errados, havia uma ideia clausewitziana para cada um deles. Pode-se dizer ainda que o mesmo se aplica aos países capitalistas e aos déspotas existentes. Cada geração o estudou de um modo diferente, até seletivas em seus interesses, mas nunca de forma imprecisa.

Quase no fim da maior guerra da história, no dia 20 de abril de 1945, Hitler demonstra claramente ter sido influenciado pelo livro *Da Guerra*. Ao emitir a ordem-chave para que se iniciasse a Operação Clausewitz, que significava transformar Berlim em uma praça-forte ou cidade-fortaleza, além da autorização para a destruição em massa de todos os documentos que o Terceiro *Reich* possuía (VÁZQUEZ, 2009, p. 105). Assim, nada de valor deveria cair nas mãos dos russos, este seria o ato de resistência final da última batalha por Berlim, que o líder nazista mencionou em sua principal obra.

Heinz Guderian é o exemplo clássico da genialidade militar que Clausewitz falava, pois ela apenas surgiria em povos civilizados. Assim esse grande militar alemão concentrou seus estudos pós-batalha de Cambrai em 1917, local onde os carros de combate foram empregados em massa pelos ingleses. Do mesmo modo que Clausewitz, Guderian também estabeleceu sua tríade sobre a consolidação do poder alemão baseado nas decisões políticas: seriam o desenvolvimento da tecnologia, da economia e da *Wehrmacht*.

Erich von Manstein estimava fortemente o General Helmuth von Moltke e delineou sua estratégia, a organização de seu Estado-Maior e o exercício do Alto Comando nos princípios que esse nobre militar aprimorou, dos ensinamentos que colheu de Clausewitz e Scharnhorst. Além disso, acreditou que a força do Exército Alemão residia em sua enorme capacidade de coordenar operações móveis. Visando o sucesso dessas ações, os princípios de guerra da ofensiva e surpresa deveriam ser buscados a todo custo, como Clausewitz descreveu em seu livro.

Este estudo pretende contribuir com o Exército Brasileiro e seus Oficiais, ao fazer com que redescubram o imprescindível valor em se estudar História Militar e estimulem, também, suas praças a fazerem o mesmo. O estudo metódico de casos históricos estimula o raciocínio, facilita a tomada de decisão e garante o auto aperfeiçoamento.

O trabalho procurou buscar personalidades militares de outras nacionalidades, justamente para corroborar com o pensamento da importância em estudar grandes líderes do passado e observar suas contribuições para a arte da guerra. Ademais, a dinâmica dos pensamentos de Clausewitz, certamente, continuará a influenciar os militares de todo o mundo no tocante, principalmente, ao envolvimento da guerra com a política do Estado.

Por fim, pretendeu-se despertar, como contribuição, o interesse do estudo de História Militar aos futuros comandantes do EB no sentido de aprimorar seus conhecimentos teóricos com as experiências vividas por grandes homens do passado. Lanning assim se expressou sobre eles:

Ao longo do tempo, os povos que tiveram a sorte de contar com grandes capitães e inovadores na arte da guerra entre seus habitantes prosperaram, controlaram o próprio território e dominaram seus vizinhos. As civilizações carentes de fortes lideranças militares viram-se subjugadas e aniquiladas. Por outro lado, alguns chefes militares mostraram-se déspotas tirânicos de seu próprio povo e de seus adversários (LANNING, 1996, p. 11).

REFERÊNCIAS

BARNETT, Correlli, organizador. **Os Generais de Hitler**. Tradução de Ruy Jungmann. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX**. 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**: ensaios introdutórios por Peter Paret, Michael Howard e Bernard Brodie. Comentário de Bernard Brodie. Tradução para o inglês de Peter Paret, Michael Howard e tradução do inglês ao português de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Nova York: Gráfica da Universidade de Oxford, 1984.

CROSS, Robin. **Citadel**: a batalha de Kursk. Tradução Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (Brasil). **Publicação INTRODUÇÃO À ESTRATÉGIA CP/ECEME/2011**. Evolução da arte da guerra e do pensamento militar: coletânea de notas suplementares. Rio de Janeiro, 2006.

FULLER, John Frederick Charles. **A Conduta da Guerra**: estudo da repercussão da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, da Revolução Russa, na guerra e em sua conduta. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

GIGOLOTTI, João Carlos Jânio. **Estudo de História Militar vol. II – Idade Contemporânea**: da fase revolucionária ao século XX. Resende: AMAN - DE/ História Militar, 2003.

GUDERIAN, Heinz. **Achtung, Panzer!**: o desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914-1937). Tradução de Luiz Carlos Carneiro de Paula. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

HOWARD, Michael. **Clausewitz**: mestres do passado. Tradução de Luiz Carlos Nascimento e Silva do Vale. Nova York: Gráfica da Universidade de Oxford, 1983.

LANNING, Michael Lee. **Chefes, Líderes e Pensadores Militares**. Tradução de Ulisses Lisboa Perazzo Lannes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

LEONARD, Rogers Ashley. **Clausewitz**: trechos de sua obra. Tradução de Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

MAGNOLI, Demétrio, organizador. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAGET, Reginald Thomas. **Manstein**: suas campanhas e seu julgamento. Tradução de Roberto Rodrigues. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

SANTOS, Francisco Ruas. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

STRACHAN, Hew. **Sobre a guerra de Clausewitz**. Tradução de Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

VÁZQUEZ, Juan. **COLEÇÃO 70º ANIVERSÁRIO DA 2ª GUERRA MUNDIAL**, v. 28 – São Paulo: Abril Coleções, 2009.